

## Editorial

*Chegamos ao terceiro mês do ano e ainda esperamos por medidas mais enérgicas por parte do governo federal no que tange ao auxílio dos produtores rurais atingidos pelas cheias do período novembro a janeiro de 2010, no Estado. Laudo de entidades representativas do setor, entregues à União, em janeiro, apontaram perdas superiores a R\$ 772 milhões nas lavouras de arroz, fumo, trigo e feijão do Rio Grande do Sul. Até agora, vimos mais conversa do que resolução. Renovamos pedido, com urgência, aos produtores gaúchos que enfrentam mercado do trigo paralisado, safra de fumo sem reajuste por parte da indústria e, uma lavoura de arroz que foi aberta oficialmente, em Camaquã, com anúncios de EGF. Porém, não tivemos tantas outras respostas aguardadas pelo setor, como apoio de Opção e mecanismos, conforme garantido em Brasília, em 04 de fevereiro, em reunião com representantes do Ministério da Agricultura e Conab.*

*Por outro lado, vivemos um período de grande prospecção neste primeiro trimestre do ano com importantes mostras do setor ocorrendo, como a Expoagro Afubra, em Rio Pardo, e a Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque, a partir do dia 15, ambas com a presença do Sistema Farsul (Farsul, Senar/RS e Casa Rural) e com os nossos representantes e líderes dos sindicatos rurais locais. Na Expoagro Afubra demos início, com as regionais 05 e 09, à construção da pauta de Curitiba que irá elaborar uma lista de prioridades do setor a ser apresentada aos candidatos à Presidência da República nas Eleições de 2010. Reunião no Paraná, neste mês, tratará do tema com as federações de agricultura da região Sul. Também vivenciamos uma marcante data no Sistema Farsul com a ida a Brasília, no início de março, nos integrar às atividades do programa Campo vai à CNA, iniciativa da nossa líder Kátia Abreu. Nossa comitiva foi formada por 118 pessoas (88 presidentes de Sindicatos Rurais e 30 assessores técnicos e diretores da Farsul, Senar e Casa Rural) que puderam conhecer os programas e projetos da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).*

*Também queremos reforçar, aqui, o grande feito do Senar/RS com a realização de 500 cursos e profissionalização de mais de 6 mil pessoas nos dois primeiros meses deste ano. O incremento chega a 36% em relação ao mesmo período de 2009. E, se os cursos podem ser realizados e, de forma gratuita, deve-se a você, produtor rural, que assegura o pagamento da alíquota de 0,2%, do Senar, e que não faz parte da contribuição do Funrural, de 2,1%, que foi apontada como inconstitucional por parte do Supremo Tribunal Federal (STF). Informe-se junto ao seu Sindicato Rural, Senar e escritórios de contabilidade sobre o correto preenchimento das Guias da Previdência Social para que não ocorra diminuição neste constante trabalho de profissionalização e melhoria na vida do campo propiciados pelo Senar.*

## Pombas? Ora, pombas...

Blau Souza\*

Sou do tempo em que a gurizada usava bodoque, destruía ninhos, quebrava ovos e representava grande perigo para os passarinhos. Nessa ação nefasta, creio que apenas os adeptos das passarinhadas ultrapassavam os piás da campanha na caça desregrada aos nossos irmãos alados. Aquela maldade curiosa dos descobrimentos e que assola os guris, sobretudo na hora da sesta dos adultos, fazia vítimas sem número na redondeza das estâncias. Acho que me redimi dessas agressões ao interferir de forma positiva na educação de filhos e netos, e sinto que essa experiência é compartilhada por muita gente. Creio que a mudança do comportamento diante dos pássaros ocorreu primeiro nas áreas urbanas e, depois, nos campos. As noções de ecologia atravessaram as paredes escolares e cidades com muitas árvores e áreas verdes, como Porto Alegre, passaram a acolher e a alimentar milhares de pássaros. Além dos aspectos culturais, o consumo qualificado da carne de aves domésticas, de fácil aquisição, também influenciou no desestímulo à caça de passarinhos.

Particularmente, tornei-me um estudioso da ecologia e tenho compartilhado com os leitores algum conhecimento, dúvidas e muito amor à natureza, à ecologia e, sobretudo, aos pássaros. Ao viajar pelo Rio Grande, aprecio paisagens e ensinamentos de forma tão intensa que chego a me transformar em perigoso motorista distraído. Mas é impossível ignorar a proximidade

incômoda dos bandos de pombas, cada vez mais mansas e confiadas, e que só levantam voo no último instante, roçando pára-brisas e outras partes do carro, apesar da retirada do pé do acelerador e do uso do freio. Esta experiência se repete em todas as estradas, tanto nas de terra quanto nas asfaltadas e está relacionada à passagem de caminhões carregados de grãos. Assim, faz sentido que eu tenha encontrado mais pombas na chamada estrada da produção. E tem mais: as pombas preferem os trechos de buraqueira, pois aí os ca-

**Mas, do homem, poucas aves se aproveitam tanto, quanto as pombas. Por motivos culturais, religiosos ou de superstição, elas nunca foram de grande serventia para a caça em nosso meio. E sempre tiraram proveito do trabalho do homem.**

minhões sacodem e é maior a abundância de comida. Se os leitores passarem a observar, verão que eu estou certo, pelo menos nas épocas de escoamento de produção. A presença de bandos de pombas nas estradas também está relacionado a certa inibição dos seus predadores naturais. Ao contrário das pombas, os gaviões e outras aves de rapina não contam com a tolerância do homem; têm de continuarem ariscos e longe das estradas, se quiserem sobreviver. Assim, as pombas se sentem mais protegidas se estiverem bem próximas dos homens e se buscarem alimentos nos caminhos que eles constroem para trânsito obrigatório deles

e de suas mercadorias. Neles, há um carreiro contínuo de veículos e elas logo aprendem a se defender dos carros de passeio, rápidos e perigosos, e a apostar nos lentos caminhões carregados. Agindo em bandos e com resultados óbvios, certamente as pombas não me intrigam tanto quanto os tilitris, ou suiriris cavaleiros, a pousar no lombo dos cavalos e dos bovinos. Também o atávico trabalho de construir casas ou ninhos dos joãos-de-barro e dos ferreiros; a ação de vigilantes e escondedores de ninho dos queroqueros e tantos outros comportamentos de pássaros no seu dia-a-dia chamam mais a atenção do que as pombas. Os vira-bostas, ao se apropriarem de ninhos alheios ou quando levam outros passarinhos a chocar e alimentar seus filhotes, enriquecem a sabedoria popular como contumazes exploradores da passarada. Mas, do homem, poucas aves se aproveitam tanto, quanto as pombas. Por motivos culturais, religiosos ou de superstição, elas nunca foram de grande serventia para a caça em nosso meio. E sempre tiraram proveito do trabalho do homem. Após preparo da terra, semeadura, cuidados culturais de toda ordem e colheita, boa ou má, os grãos enchem caminhões que os levam para portos, armazéns, indústrias, sempre na busca do consumo humano. Este ocorre, mas bem depois da distribuição às pombas, feita de maneira descuidada, aleatória, pelos caminhões ao longo de nossas muitas e nem sempre boas estradas.

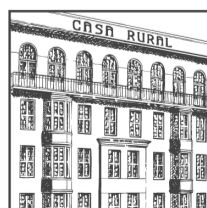
\* Médico e escritor

## EXPEDIENTE

## SISTEMA FARSUL

Federação da Agricultura  
do Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul

CASA RURAL  
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

## FARSUL

Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Vice-presidente:  
Gedeão Silveira Pereira  
Diretor Administrativo:  
Francisco Lineu Schardong  
Diretor Financeiro:  
Jorge Rodrigues

## SENAR-RS

Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Superintendente Interino:  
Carlos Alberto Schütz  
Div. Administração e Finanças  
Carlos Alberto Schütz  
Divisão Técnica:  
Taylor Favero Guedes  
Div. Planejamento e Projetos  
Saulo Gomes

## JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon  
Jornalista responsável:  
Luciana Bueno (MTb/RS 8.508)  
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,  
Tiago Francisco e arquivo  
Colaboração: Alessandra Bergmann  
e Tiago Francisco  
Circulação Mensal  
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400  
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390